

ARTÍCULOS

Cíntia Moscovich: repensando el papel de la mujer judía

Cíntia Moscovich: Repensando O Papel Mulher Judia

Cíntia Moscovich: Rethinking The Role Of Jewish Women

DEBORA CHAIMOVITZ YEOSHAFAT

deborac@post.bgu.ac.il

Resumen

Cíntia Moscovich, en sus cuentos, nos invita a conocer y reflexionar acerca del papel de la mujer dentro de la comunidad judía en Brasil. Las protagonistas de los cuentos “El hombre que volvió al frío” (2000), “Los gatos adoran los peces, pero odian mojarse las patas” (2012), y del libro *¿Por qué soy gorda, mamá?* (2006), abordan el proceso de emancipación de la mujer. A través de escenas de la vida cotidiana familiar, en que la comida tiene un lugar significativo, las protagonistas reflejan cuestionamientos internos propios del ser mujer, resignificando los roles de madre, esposa e hija. El acto de está relacionado con la redefinición de la condición judía relevantes hoy en día, en que los cuestionamientos de los valores universales son transcritos desde el punto de vista femenino.

Palabras claves: Mujeres, Feminista, Condición Judía.

Resumo

Cíntia Moscovich, em seus contos, convida-nos a conhecer e dialogar sobre o papel da *mulher*, dentro da comunidade judaica no Brasil. As protagonistas mulheres dos contos *O homem que voltou ao frio* (2000), *Gatos adoram peixe, mas odeiam molhar as patas* (2012) e do livro *Por que sou gorda, mamãe?* (2006), abordam o processo de emancipação da mulher. Através de cenas cotidianas da família em que a comida tem um lugar significativo, essas personagens refletem questionamentos internos do ser mulher, reinterpretando o papel de *mãe, mulher e filha*. O ato de comer está relacionado a questionamentos sobre a redefinição da condição judaica relevantes hoje em dia, em que questionamentos de valores universais são transcritos do ponto de vista feminino.

Palavras-chave: Mulher, Feminista, Condição judaica.

Abstract

Cíntia Moscovich, in her short stories, invites us to get to know and dialogue about the role of the *women* within the Jewish community in Brazil. The female protagonists of the short stories *The man who returned to the cold* (2000), *Cats love fish but hate to get their paws wet* (2012) and book *Why am I fat, mother?* (2006), address the process of women's emancipation. Through the approach of everyday family scenes where food has a significant place, these characters reflect internal questionings of being a woman that reinterprets her role as mother, wife, and daughter. The act of eating is related to questioning the redefinition of the Jewish condition relevant today, where questionings of universal values are transcribed from the female point of view.

Keywords: Women, Feminist, Jewish condition.

Introdução

A obra de Cíntia Moscovich, gaúcha, escritora, tradutora e jornalista, nascida em 1958, considerada não somente uma autora de origem judaica, mas também feminista, questiona em suas obras o papel da mulher na sociedade, no espaço doméstico, no casamento e sua identidade sexual. Moscovich em sua obra nos apresenta os conflitos existências revelados em cenas do cotidiano onde seus personagens refletem no presente seu passado, sua herança familiar referida a cultura e religião judaica, oferecendo ao leitor uma ficção autobiográfica. O foco deste artigo é analisar o questionamento de Moscovich sobre a questão da identidade feminina e étnica, a leitura de seus personagens em seus contos *O homem que voltou ao frio* (2000), *Gatos adoram peixe, mas odeiam molhar as patas*, em *Essa coisa brilhante que é a chuva* (2016) e no livro *Por que sou gorda, mamãe?* (2006), nos permite refletir sobre o processo de emancipação da mulher judia no dia a dia dentro da realidade brasileira desde o ponto de vista da autora, nascida no Brasil, no sul do país e descendente de judeus vindos da Europa Oriental (Moszcynska, 2022, p. 1)

No conto *O homem que voltou ao frio*, Moscovich apresenta o dilema da protagonista em relação ao pretendente de origem não judia, abordando a aculturação e as transformações do papel da mulher e mãe judia dentro do meio familiar e da sociedade¹. Embora a autora aborde o cotidiano judaico em sua literatura, suas obras também apresentam conteúdos universais com os quais os leitores se identificam com a problemática da mulher integrada à sociedade, além de questões sobre obesidade e relações homossexuais. Apesar disso, em

¹ ROZENCHAN, 2007, p. 81

uma de suas entrevistas, a autora afirma que sua obra tem o objetivo de transcrever a história judaica, o cotidiano da comunidade, da família, da mãe judia e da mulher.

A figura da mãe judia é uma marca registrada na cultura judaica e aparece em obras de rabinos, artistas, poetas e escritores. Essas representações situadas em espaço e tempo oferecem importantes *insights* sobre a imaginação da cultura judaica e as maneiras pelas quais os escritores recorrem à figura da mulher e mãe judia para compreender e construir seu mundo. No conto *Gatos adoram peixe, mas odeiam molhar as patas*, a imagem da mãe judia está literalmente relacionada à ídiche *mame*, uma mãe superprotetora preocupada com o bem-estar de seus filhos, porém, nas entrelinhas, Moscovich conta a luta interna da mulher judia que deseja desvincular-se do papel de mãe. Segundo Helena Lewin, existe uma relação intrínseca entre a conservação do judaísmo, o papel da mulher e a educação. Diante dos processos de integração na sociedade brasileira e da assimilação, a condição de mulher judia também sofre modificações, questionando sua responsabilidade de conservar o núcleo familiar. Esses processos estão interligados à busca da emancipação da mulher judia dentro da comunidade judaica e sociedade geral. A antropóloga Marta Topel, em seu artigo sobre “*Brazilian baalot teshuvah and the paradoxes of their religious conversion*” também aborda a questão das mulheres jovens ortodoxas na cidade de São Paulo, que buscam sua forma de emancipação, como a ida das mulheres ao *mikve*, considerado um evento social somente para mulheres, onde têm a oportunidade de investir nelas mesmas. Assim, os contos de Moscovich nos apresentam um olhar crítico sobre a mulher e convidam os leitores a repensar o papel da mulher e da mãe judia dentro do núcleo familiar e da sociedade brasileira. Este artigo pretende salienta a complexa rede de símbolos e imagens associadas à mulher e mãe judia, assim como caracterizar a reflexão de seu papel de acordo com os padrões sociais, históricos e culturais, apresentados nas obras de Cíntia Moscovich.

15

Cenas da vida cotidiana

No conto *O homem que voltou ao frio*, a narradora-protagonista, Ethel, é uma adolescente-adulta que vive com os pais, recém-chegada de um passeio de alguns meses em Israel, onde foi voluntária no *Kibutz*². Ethel nos leva a sua casa, nos aproxima do seu dia a dia, da relação com seus pais, dos conflitos existentes entre ser judeu e estar no Brasil. O conto começa com uma cena cotidiana de sua casa: “A mãe veio da rua cheia de sacolas. Não pude comentar a notícia e tranquei-me no quarto, não sei certa melancolia e receio. Quando o pai chegou em casa vindo da loja, fui recebê-lo com beijos, fato inédito para mim e para ele.” (Moscovich, 2000, p. 25)

² Refere-se à comunidade coletiva geralmente com produção de agricultura, modo de vida em Israel.

Esta cena corriqueira de uma família típica judia nos convida a dialogar junto com a protagonista a convivência com seus avôs, pais e irmãos. O dia a dia envolve recordações do passado, das vivências de seus avôs na Europa Oriental, de seus costumes, principalmente relacionados com a comida. A comida é uma referência presente também no conto *Gatos adoram peixe, mas odeiam molhar as patas*. Através da simbologia da comida nos contos de Moscovich o leitor participará das indagações das protagonistas, sobre a reflexão de quem sou eu, salientada no livro *Por que sou gorda, mamãe?*

Em sua obra, Moscovich enfoca a experiência das mulheres que expressam seu jeito de SER em diferentes vozes, o que está também relacionado à figura patriarcal. As vozes masculinas em sua obra são de personagens secundários, que representam um processo de transição da figura masculina na ficção e como metáfora da vida real. Saulzinho simboliza a soberania do patriarcado: “Meu nome é Saul — bateu com a mão livre sobre o peito. — Saul, como o primeiro rei de Israel.” (Moscovich, 2012, p. 14)

Porém, no decorrer do texto, o personagem Saul passa por um processo de transformação, no qual seu comportamento revela uma criança já adulta mimada e dependente da mãe. Outro exemplo da voz masculina encontra-se na narração da protagonista Ethel sobre sua relação com o pai:

16

Com a chegada do pai, corri a recebê-lo. Ele se preocupou com meu estado, o que eram aquelas olheiras, eu estava me sentindo bem? [...] Não pude me conter e contei-lhe, aos prantos, que Edward queria casar comigo [...]. O pai foi rápido na resposta: — Não é ainda hora de chorar, minha filha. Muito cedo, você só tem dezoito anos. Amanhã não me saia de casa. [...] Fiz que sim. Ele, o libertador, me enxugou os olhos com a polpa dos dedos polegares e abraçou-me longamente. Embalava-me, como a um bebê, de manso, de um lado para outro, de um lado para outro, até que me acalmei. Beijou-me a testa e falou em *üdiche*, sua melhor forma de expressão: Ethel, minha rica filhinha. (Moscovich, 2000, pp. 37-38)

A relação com o pai, um pai superprotetor que defende sua filha do perigo de aculturação, representa a pressão patriarcal imposta às mulheres. Tanto neste conto como no livro *Por que sou gorda, mamãe?* (2006), cabe ao pai ensinar e defender os valores tradicionais da família, diminuindo assim a função da mãe no âmbito familiar. No entanto, a figura da mãe de Ethel tinha somente a função de cuidar da casa e apoiar seu marido. Ela tampouco era responsável pela educação de sua filha, devido a superioridade da figura do pai, e pelo processo de emancipação de sua filha.

No decorrer dos contos, a figura da mulher sofre uma transformação; mesmo a figura de Ethel já aborda outro aspecto do ser mulher dentro da comunidade judaica. Apesar de Ethel carregar a condição judaica, integrada na sociedade brasileira, ela tem o objetivo de estudar e ter uma carreira profissional, ao mesmo tempo em que reflete sobre sua própria identidade judaica.

A condição judaica

Em suas histórias, apesar de abordar temas universais, como a obesidade, a sexualidade, a condição da mulher, Moscovich também se dedica a explorar a condição judaica. A memória pode ser considerada algo íntimo, pessoal, um fenômeno individual, no entanto, Halbwachs já havia sublinhado que a memória é, sobretudo, um fenômeno coletivo e social construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e contrastes (Pollak, 1992, p. 202). Para Moscovich, o dever da memória cultural é fundamental. Ela recorda os costumes judaicos e a importância de lembrar o Dia do Holocausto publicamente, mesmo com uma onda crescente de antissemitismo, como mencionou no Jornal GZH em 2017: “é preciso recordar e homenagear aqueles que partiram.”³

No conto *Violinista no telhado*, Moscovich abordou a questão do ser judeu no Brasil em relação a eventos antissemitas e o impacto que isso causou no núcleo familiar, gerando um diálogo intergeracional entre avôs, pais e filhos (Waldman, 2016, p. 3). Esse diálogo sugere uma reflexão sobre a condição de ser imigrante ou descendente de imigrantes, que gera um desafio significativo entre conservar o judaísmo e integrar-se à sociedade local. Segundo o demógrafo Sergio DellaPergola, a integração na sociedade consiste na crescente onda de aculturação dos valores da sociedade local e dos obstáculos encontrados por seus líderes para manter a identidade judaica. Existem três modos de manter a identidade judaica: através do fortalecimento da religião, da adesão de rituais e símbolos judaicos; pela identificação com a comunidade, exemplo disto, é o clube A Hebraica; pela identificação cultural — geralmente, indivíduos que não estão ligados a nenhuma instituição, mas identificam-se com a história e cultural do judaísmo (Rebhun, U; et al, 1998, p. 371). Assim, Moscovich, como Moacyr Scliar, no livro *A condição judaica* (1985), refletem sobre essa condição, considerando o judaísmo uma cultura caracterizada por um passado histórico em comum e tradições específicas. Em *Anotações durante o incêndio*, Ethel, de forma sutil, nos relata sobre o *Shoah*⁴ como marca do seu ser judia.

17

O pai, feito o comandante de um campo de extermínio, assumiu o controle do carrinho e disse que iria levá-lo para o hotel. Quanto a mim, as ordens eram que as de que fosse para casa, à noite nos reuniríamos para o jantar, já estava tudo combinado com a mãe. Eu me sentia debaixo de um chuveiro que, em vez de liberar água, ameaçava me sufocar com um gás letal. [...] Os dois entraram no Ford Galaxie, e eu rumei, sozinha, no Chevette que o general me dera não fazia nem um mês, ao completar dezoito anos. Pelo retrovisor, pude ver que Edward me olhava em pânico através do pára-brisa. O Ford Galaxie era um Auschwitz particular (Moscovich, 2000, pp. 32-33).

³ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2017/04/Cintia-moscovich-o-dever-da-memoria-9778321.html>. Acesso em: 9 out. 2021.

⁴ “Shoah” é a tradução da palavra “holocausto” para o português.

Na cena acima, Moscovich compara a situação vivida pelos judeus durante o Holocausto com o encontro entre o pai judeu e o outro, o indesejado. Essa transferência de fatos envolve sentimentos e emoções referentes à transmissão dos valores judaicos e à história do povo judeu a Ethel, a geração já nascida no Brasil. Para ela, o encontro com o outro gera uma culpa de não proteger seu passado cultural e histórico, de renunciar aos valores judaicos, daí a presença de acontecimentos que relatam o quase extermínio do povo judeu. Apesar de Ethel questionar seu interesse pelo pretendente que de forma implícita a leva a repensar suas origens, Ethel ao mesmo tempo revela o desenvolvimento da mulher dentro da sociedade, visto que ela está focando em seus estudos, no desejo de ingressar na universidade, comportamento típico de sua geração⁵. Assim que de modo metafórico, Ethel questiona com medo e culpa seu relacionamento com o outro. Também para a narradora-protagonista da obra, *Por que sou gorda, mamãe?*, o judaísmo é uma espécie de herança imposta pelas gerações da família. “Meu metabolismo sempre funcionou bem, obrigada — e esse é o único determinante de obesidade do qual me escapo. Simplificando: sou gorda porque como e porque minha conformação genética quer assim.” (Moscovich, 2006, p. 16).

Outro exemplo relacionado à herança judaica e à transmissão de valores através de mulheres da família encontra-se no diálogo entre a avó e a neta: “Ui, que bom, *meinkindale*, você nunca vai passar fome. Eu me assombrei. Porque jamais mesmo, tinha pensado que um dia comida me faltasse.” (Moscovich, 2006, p. 92).

18

Essas narradoras-protagonistas emergem na questão de como e por que preservar a memória judaica, quando o papel da mulher sofre transformações que envolvem processos de reconstrução do modo de ser judeu no Brasil (Topel, 2002; Lewin, 1999). No entanto, Moscovich relata o conflito da preservação do ser judeu no Brasil, a influência da história coletiva do povo judeu relacionada ao processo de emancipação da mulher dentro da comunidade judaica.

— Ethel? — ele repetiu interessado. Dei dois passos adiante: os arenques me pareciam sedutores. Comentei que era o nome de uma remota tia, que faleceu bastante tempo antes de eu nascer, ele sabia como era, os judeus tinham aquele hábito de dar o nome de parentes mortos e amados aos filhos recém-nascidos.” (Moscovich, 2000, p. 28).

Para Ethel, a relação entre passado e presente gera uma sensação de segurança e comprometimento com sua tradição cultural e histórica. Por outro lado, essa situação pode gerar um conflito entre gerações, principalmente quando analisamos o papel da mulher nas obras de Moscovich.

⁵ ROZENCHAN, 2007, P.81

Mulher judia

A família representa um modelo para a sociedade e para a comunidade judaica em particular. A mulher judia é a responsável pela transmissão dos valores judaicos, da identidade judaica e do modo de vida. Atualmente, a família judaica vem sofrendo modificações em sua organização e constituição, existindo famílias compostas por casamentos mistos, por casais separados e casais homossexuais. Todos esses fatores, junto ao desenvolvimento das ideias individualistas e da emancipação da mulher, afetam a constituição do modelo familiar, influenciando diretamente a formação de sua identidade, sendo esta judaica ou não (Rebhun, U; et al 1998, p. 371).

Geralmente, imigrantes recém-chegados no país procuravam manter seu modo de vida como o conhecido, transferindo os mesmos costumes e instituições do lugar natal. Esse tipo de organização comunitária favoreceu a manutenção da identidade judaica, de seus costumes e hábitos (Lewin, 1999, p. 532). Tomando como exemplo a comunidade judaica de São Paulo e do Rio de Janeiro, ambas comunidades compostas por imigrantes judeus da Europa Oriental que chegaram ao Brasil no princípio do século XX, organizaram-se de tal forma que a comunidade se concentrava no bairro do Bom Retiro, no caso de São Paulo, o que facilitou a união de jovens judeus e conservou o núcleo familiar de origem judaica.⁶ Comum era a presença de uma *Shadchanit*, a pessoa que promove o encontro entre o homem e a mulher de modo que venham a se casar (Lewin, 1999, p. 532).

19

Dessa forma, a família, principalmente os avós tinham muito controle na formação de novos casais. Não somente a família e sua constituição influenciava na escolha de um(a) parceiro(a), fatores como distância geográfica, nível socioeconômico e nível religioso tinham um papel importante na conservação do judaísmo ou da assimilação. Nas comunidades tradicionais, o costume era de se casar com membros judeus da mesma região. Isso estaria relacionado a comunidades fechadas que não estavam integradas na sociedade local, permitindo um menor índice de assimilação (Rebhun, U, et a., 1998, p. 372). O processo de imigração citado anteriormente promove um nível de integração na sociedade local e os descendentes desses imigrantes, adaptados à realidade do país, facilmente encontram-se mais acessíveis a encontros com não judeus, favorecendo a assimilação, como no caso dos judeus no Rio de Janeiro. As mulheres entrevistadas para a pesquisa realizada por Lewin afirmaram que sentir-se judia não era somente uma questão de nascimento, mas também um sentido de pertencer, algo ligado à história, às origens, à cultura (Lewin, 1999, p. 532).

⁶ Chegaram ao país também imigrantes judeus de outros países, porém, esse exemplo está concentrado na comunidade de imigrantes judeus provindos da Europa Oriental, na primeira metade do século XX.

Existe uma relação intrínseca entre a conservação do judaísmo, o papel da mulher e a educação. Esses três pontos estão ligados de maneira que a tradição judaica, sua história e o modo de vida são transferidos às futuras gerações pelas mulheres. Levando em consideração a integração e inclusão na sociedade local e, sobretudo, o processo de emancipação da mulher dentro da sociedade e sua integração principalmente no meio laboral, o papel da *íidiche mame* sofre transformações que são apresentadas por Moscovich nas vozes de suas protagonistas. Esse discurso sobre a condição de ser mãe e/ou mulher judia aparece nas histórias de Moscovich, expresso pela figura de Dona Berta, no princípio do conto: *Os gatos adoram peixes, mas odeiam molhar as patas*, no qual a protagonista assume o papel da mãe superprotetora, dedicada a cuidar de seu filho mesmo que já seja um adulto.

Ao abrir a porta, depois de beijar a *mezuzá*, veio-lhe o cheiro de cânfora, alho e limão. Hesitou, mas só por um instante. Foi quando a mãe apareceu na porta da cozinha, os seios e a barriga estrangulados pelo avental. Ao ver o filho, dona Berta avançou em sua direção, desmanchando-se em oi-oi-ois: — *Mein kindale, mein sheiner ingale*, onde você estava? — dizia enquanto cobria o filho de beijos.

— Nu? Chega tarde e ainda quer morar sozinho? Agora é rebelde? Se quer ir, vai, vai — apontava a porta de casa com desprezo. — Mas vamos jantar antes. Fiz *quefilte fish*. (Moscovich, 2016, pp. 15-16)

20

Essas duas cenas mostram a importância de Moscovich focar na figura materna, superprotetora, responsável pela educação de seu filho, como também pela transmissão de valores judaicos, relacionado aos costumes familiares, como a *mezuzá* na porta e a comida judaica herdada dos judeus provindos da Europa Ocidental. Porém, nos contos de Moscovich a figura da mãe passa por um processo de busca de sua nova identidade. O papel da mãe de Ethel, por exemplo, que parece não ter uma posição de influência na família, demonstra que o processo de aculturação de sua filha enfraquece diretamente seu papel de mãe. A figura materna já não representa o coração da família responsável pela educação e transmissão de valores judaicos.

Através da figura de Ethel e da protagonista do livro *Por que sou gorda, mamãe?* (2006) a autora imerge profundamente na sua herança judaica e pondera o que é relevante para ela. A obra de Moscovich tende a ser resultado de um questionamento interno dela mesma, muitas vezes suas protagonistas revelam sua própria voz interna que pode ser considerada também um reflexo da sociedade em geral. Assim, as personagens femininas de sua obra nos permitem analisar sua complexidade e os processos históricos e sociais relacionados à condição da mulher dentro da sociedade geral e judaica. Ademais, a autora aponta alguns aspectos que podem ser observados na leitura feminista, criticando o patriarcado e questionando as personagens femininas mais jovens, como no caso de Ethel:

No restaurante, pedido já feito [...]. Eu, lembrando-me de seus planos, perguntei como ia o assunto da conversão. Falou-me que era mais difícil do que imaginava, as exigências eram muitas, algo faria, não sabia o quê. Achei a história um tanto inusitada, mas os pratos chegaram, interrompendo a conversa. Eu servia e ele me olhava. E talvez, ao menos naquele instante, comecei a aprender a ser benquista, suportando o sacrifício de não merecer. (Moscovich, 2000, p. 35).

No mesmo episódio do restaurante, Ethel encontra-se numa situação paradoxal porque o estrangeiro que não era judeu lhe confessa que quer ter filhos judeus e casar-se com ela. Nesse momento, ela se depara com suas ambições e objetivos de estudar, ter uma carreira e depois se casar. Ela não estava preparada para assumir o papel de mãe, o que incluía debruçar-se aos cuidados dos filhos, da educação, da transmissão do judaísmo e, sobretudo, interromper o processo de independência da mulher dentro da comunidade judaica. Ademais, Ethel sente-se confusa ao rejeitar o estrangeiro. Por um lado, a aventura de conhecer um estrangeiro, ainda que feio, ameaça sua condição judaica: tanto o respeito pela tradição, como pela linha de vida traçada por seus pais e o que era esperado dela dentro de sua comunidade. Por outro lado, este encontro a estimula a refletir sua condição de mulher, de ser judia e de ser brasileira.

Um momento de reflexão: quem sou eu?

21

No conto *Anotações durante o incêndio* (2000), o estrangeiro volta para a Finlândia, após a drástica intervenção do pai de Ethel, que se sente vitorioso por proteger sua filha e afastar o perigo da assimilação e do futuro de sua filha. Por sua vez, Ethel encontra-se confusa, ou até com medo de sentir-se desejada por um estrangeiro e de desapontar seus pais que influenciavam no seu ser judeu. Pode-se entender que ela estava em busca de sua própria identidade, de escolher como ser judia.

Não tinha nada do que me queixar, assim que eu quisera a sequência de fatos. Dei-me conta de que já havia querido muitos que não me quiseram. Mas meu ressentimento naquela hora era diferente de desejar alguém e não ser desejada. Ressentia-me da falta de algo que nem tinha certeza do que era. (Moscovich, 2000, p. 39).

Em suas histórias, Moscovich reflete sobre os medos da comunidade judaica, principalmente da primeira geração nascida no Brasil. O processo de integração e ascensão social que permitiu aos judeus da segunda geração de imigrantes desenvolverem-se dentro da sociedade brasileira gerou um desequilíbrio dentro da comunidade. Por um lado, a aculturação era inevitável e, por outro, a identidade judaica estava se enfraquecendo. Dividida entre a

responsabilidade familiar e a conservação da identidade e herança judaica, Ethel dialoga consigo mesma sobre o que é relevante para a construção de sua própria identidade dentro de um contexto por um lado conservador e, por outro, em constantes transformações, principalmente relacionado ao papel da mulher. Isso se torna mais explícito no livro *Por que sou gorda, mamãe?*, no qual a questão da obesidade está diretamente relacionada à herança familiar.

Obesidade e herança familiar

A obesidade é um problema de saúde e está associada a predisponentes genéticos e ambientais, mas também está relacionado a fatores mentais e emocionais (De-Matos, et al 2020, p. 43). As crenças são desenvolvidas na infância a partir da predisposição genética para determinados traços de personalidade e da interação com pessoas significativas. Muitas vezes, mulheres utilizam o ato de comer em excesso como estratégia compensatória, o que pode gerar um alívio imediato e, posteriormente, um sentimento de culpa.

22 Segundo estudos sobre obesidade, as mulheres são as que mais sofrem com o aumento de peso em todo o mundo; ela come em exagero como recurso compensatório para situações de tristeza, depressão, ansiedade e raiva. Existem casos em que os pais utilizam a comida como reguladora das emoções de seus filhos e no caso da obesidade, existe uma tendência em associar emoções negativas ao ato de comer. Para os obesos, a comida vem a preencher os sentimentos de falta, vazio (De-Matos, et al 2020, p. 43). Como no caso da filha da senhora:

A senhora me diz, mamãe, que eu vou me arrepender por não ter filhos. Você precisa de um filho, nem que seja para ter alguém com quem brigar. A senhora acredita na intimidade que se funda na discórdia, nos sentimentos que a quebra da harmonia concede. (Moscovich, 2006, p. 140).⁷

Através da figura da senhora, Moscovich nos apresenta, dentro do contexto da comida, a transmissão de valores judaicos e familiares à nova geração, que por final virá a questionar quem é ela mesma. Porém, para os obesos, o sentimento de culpa após comer e os pensamentos inadequados podem contribuir para a manutenção da obesidade. Portanto, os pensamentos disfuncionais acerca do peso, da alimentação e do valor pessoal podem desencadear sentimentos e comportamentos inadequados em indivíduos obesos (De-Matos, et al 2020, p. 44).

⁷ MOSCOVICH, 2006, p. 140.

Nesse contexto, a comida, a mãe judia e a obesidade estão relacionadas com redescoberta do papel da mulher dentro da sociedade, visto que a mãe judia, a *íídiche mame*, pode ser analisada do ponto de vista positivo ou ser estereotipada negativamente. Na verdade, ser mãe, de modo geral, indiferente de ser judia ou não, já é muito complexo. Nos textos de Moscovich, a figura da mãe judia aparece de modo paradoxal. Por um lado, ela é dedicada à casa, parece ser uma sombra do pai, como no caso da mãe de Ethel. No conto *Gatos adoram peixe, mas odeiam molhar as patas*, Dona Berta, a mãe de Saulzinho, é aparentemente uma mãe superprotetora, que deseja o bem-estar de seu filho. No entanto, neste conto o papel da mãe já reflete sobre sua posição e seus deveres em relação à família, desejando sua emancipação, libertar-se das responsabilidades domésticas e viver um amor. Assim como seu filho, Saulzinho nos conta sobre a aventura amorosa de sua mãe:

Saulzinho passara a odiar os finais de tarde, nos quais cruzava cada vez menos com seu Natálio. Cada vez mais, encontrava o velho às gargalhadas com a mãe no sofá da sala, uma vergonheira tamanha jamais se havia visto. Pior: a mãe dera de arredar todos os móveis da sala para que ela e seu Natali treinassem o tango figurado, rostos juntinhos. (Moscovich, 2016, p. 20)

A figura da mãe em *Por que sou gorda, mamãe?* representa a complexidade da mãe judia, daquela que está sempre sofrendo e expressando isso abertamente, culpando-se e transferindo essa culpa aos filhos, o que é metaforicamente expresso pela protagonista na questão da obesidade. A cozinha é um grande centro de qualquer tradição, sendo a culinária *kosher* a designação que reúne todos aqueles alimentos que obedecem à lei judaica. Para Scliar, o judaísmo, em grande parte, consolidou-se na mesa da cozinha (SCLIAR, 2020). Através da comida, Moscovich revela seus medos mais profundos, como o amor materno, a dedicação da avó, a relação entre a herança familiar e judia. Nas obras literárias da autora, a figura da mulher e da mãe judia nos permite refletir sobre a condição de ser mulher. Ao nos apresentar o dilema de Ethel sobre o possível relacionamento amoroso com o “outro”, ou a figura da filha da senhora e de Dona Berta. Essas novas figuras femininas são resultados de conflitos internos que colocam um ponto de interrogação do que seria o papel da mulher. A protagonista no livro *Por que sou gorda, mamãe?*, nos revela sua condição de ser judia, cenas do cotidiano sempre relacionado à comida nos leva a conhecer de modo profundo os dilemas e conflitos de ser uma mulher judia. A relação entre mãe e filha é revelada através da alimentação, a obesidade dos três filhos está relacionada a fatores emocionais. O relacionamento com a mãe revela-se tóxico, que a leva a procurar amor e empatia na comida, alimentando o sentimento de culpa. Moscovich nesta novela nos confronta com a obesidade, o que pode ser considerado a expressão física do trauma do holocausto, transferido de uma geração a outra Moszczyńska, 2022, p. 22).

Deixe que lhe pergunte: em que momento a senhora me deu a sua herança? Em que momento a senhora começou a dar o amor de mãe? E quando foi que a senhora conheceu a maldade?

Melhor dito: quando foi que a senhora resolveu me sonegar este amor ao qual me habituara em criança, que me fez crescer nessa esquisitice obesa de adulta. Sabe a senhora, mamãe, quantas vezes me senti na solidão miserável de ser filha sem mãe? (Moscovich, 2006, pp. 32-33)

O comer emocional pode ser definido como uma tendência a comer demasiado devido a emoções negativas, como ansiedade e irritabilidade (Adriaanse, 2011, p. 23). Estudos mostram que o comer emocional está relacionado ao sentimento de culpa que influenciam no comportamento das pessoas. Ademais, existem pessoas que, inconscientemente, comem demasiado para suprimir as emoções negativas (Adriaanse, 2011, p. 36). Mas não é o caso da protagonista do livro *Por que sou gorda, mamãe?*, que nos convida a estar presente na mesa familiar, onde, regularmente o tema da comida está ligado ao hábito de comer em família, referindo-se, nas entrelinhas, aos costumes e traumas pelos quais passaram os antepassados de sua família — composta por avós maternos e paternos imigrantes que chegaram ao Brasil no início do século XX.

Para quem vem de uma família que, nos miseráveis e congelados vilarejos da Europa, passou fome de comer só repolho ou só batata, para a qual, naqueles *shtetels*, carne era uma abstração que os dentes nem conheceram e que se acostumou a aplacar o oco do estomago com sopa de beterraba ou com aquele *mameligue*, que nada mais era do que um mingau meio insosso de farinha de milho e água, a obsessão por comida nada tem, ou nada deveria ter, de extraordinário. Vovó magra, assim como todas as avós, acreditava que a comida era um milagre capaz de moldar crianças em adultos: um homem e o peso daquilo que come, e uma boa refeição vale a preceptor um dia a mais a vida. (Moscovich, 2006, p. 21)

24

Este comportamento vicioso de comer emocionalmente pode estar ligado diretamente com o dilema sobre: “Quem sou eu? Qual é a minha identidade judaica?”, a família, a genética, é algo herdado. O judaísmo herdado dos avós imigrantes, que conservaram seus costumes e paradoxalmente a integração no Brasil, permitiu aos netos (a segunda geração nascida no Brasil) confrontar-se com esses costumes, podendo gerar uma reflexão mais profunda sobre o seu ser judeu. Portanto, o passado reflete no presente através da escavação arqueológica de sua família, contando fatos, conservando a língua *yiddish* e costumes judaicos. Esse diálogo entre gerações promove o questionamento da sua condição de mulher e judia. Em *Por que sou gorda, mamãe?*, a protagonista atribui ao aumento do peso uma discussão de valores, uma tentativa de responder à pergunta: “Quem sou eu?”, quando afirma: “meu corpo e minha consciência se divorciaram” (Moscovich, 2006, p. 14). Principalmente na novela *Por que sou gorda, mamãe?*, Moscovich aborda e lida com questões do passado expressadas fisicamente no corpo feminino enfatizando a ansiedade que cauda a obesidade (Moszcynska, 2022, p. 25).

Conclusão

Em seus textos, Moscovich apresenta peças de um cobertor *patchwork*, que estão ligadas por tradições culturais, herança judaica e reflexão. Como escritora feminista, aborda assuntos complexos, como amor, obesidade, o papel da mãe e da mulher, usando cenas cotidianas da família, que podem ser lidas de diferentes pontos de vista. O ser judia, em suas obras, manifesta-se em múltiplas expressões, seja do papel da mulher, das cenas do cotidiano, seja pelos questionamentos sobre a condição judaica e a emancipação da mulher, como uma proposta de repensar o papel da mulher com ênfase na mulher judaica.

A personagem Ethel reflete um movimento da jovem geração judaica no Brasil, enquanto Ethel reflexiona sobre seu passado judaico e seu objetivo de estudar na universidade, proporcionando ao leitor o drama desta geração influenciada pela memória familiar, dos valores judaicos e o questionamento sobre sua própria identidade apontando uma complexa relação entre gerações.

Os comportamentos alimentares estão presentes no livro *Por que sou gorda mamãe?* e no conto *Gatos adoram peixes, mas odeiam molhar as patas*. O enfoque na comida, relacionado à figura da mãe, leva-nos a refletir sobre o papel da mãe dentro do núcleo familiar, mas também sobre o papel da mulher na tradição judaica. Se por um lado a figura da mulher representa o coração da família, que move e conserva as tradições judaicas, responsável pela educação e transmissão dos valores judaicos —sejam eles culturais e/ou religiosos—, por outro, em sua obra Moscovich nos revela o processo de transição da figura do iídiche *mame* como mãe protetora a uma mulher que se questiona e procura repensar sua identidade e seu papel dentro da comunidade judaica. Cabe enfatizar a relação entre comida e obesidade, citada no livro *Por que sou gorda, mamãe?* considerando que o ato de comer pode ser interpretado como merecimento ou alívio. Ao mesmo tempo em que o ato de comer alivia também gera culpa, rejeição e, através desse comportamento doente, Moscovich nos leva a refletir sobre a condição judaica, entre sentir-se feliz e triste, povo desejado ou perseguido, incluído ou excluído da sociedade local e, principalmente, coloca em dúvida o papel da mulher na comunidade. A mulher é responsável pela educação e tradição e, ao mesmo tempo, independente, emancipada que se permite buscar suas próprias definições sobre questões internas que a definem como mulher e como membro da comunidade judaica.

Em seus textos, Moscovich refere-se ao judaísmo brasileiro o que prova a importância dos temas etnicidade e gênero na literatura brasileira e em geral, sendo significativa a contribuição de Moscovich para o entendimento do judaísmo brasileiro do ponto de vista feminino. Além disso os textos de Moscovich não se simplificam no rol do judaísmo, a experiência narrada envolve conflitos e abordam outras perspectivas sobre o judaísmo e valores universais.

Bibliografía

- Adriaanse, M. A.; Ridder, D. T. D. de; Evers, C. (2011) Emotional eating: eating when emotional or emotional about eating? *Psychology & Health* 26, (1), 23-39.
- De-Matos, B; Machado, L; Hentschke, G. (2020) Aspectos psicológicos relacionados à obesidade: relato de caso. *Rev. bras. ter. cogn.*, Rio de Janeiro, 16 (1), 42-49. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20200007>. Acesso em: 01.10.2021
- Lewin, H. (1999). Identidad judaica: reflexión sobre la comunidad de Rio de Janeiro. In: Liwerant, Judith Bokser de; Backal, Alicia Gojman de (coord.). *Encuentro y alteridad: vida y cultura judía en América Latina*. 528-549.
- Moszczyńska, J. M. (2022). “Jewish Brazilian Post-Holocaust Fiction: The Body as a Source of Polymorphous Memory Discourse in Cíntia Moscovich’s *Por que sou gorda, mamãe?*”. *Latin American Jewish Studies*, 1(1), 21-34.
- Moscovich, C. (2000). *Anotações sobre o incêndio*. Porto Alegre: L&PM.
- Moscovich, C. (2006). *Por que sou gorda, mamãe?* Rio de Janeiro; São Paulo: Record.
- Moscovich, C. (2016). *Essa coisa brilhante que é a chuva*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record.
- Pollak, Michael. Memória e identidade social. (1992). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 200-212, 1992.
- Rebhun, U; Dellapergola, S. (1998). Aspectos sociodemográficos e identitários de casamentos mistos entre os judeus nos Estados Unidos. Jerusalem, Merkaz Zalman Shazar, 369-398 in Hebrew
- SCLIAR em Letras de hoje. Porto Alegre, (2020). Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2017/04/Cíntia-moscovich-o-dever-da-memoria-9778321.html>. Acesso em: 9 out. 2021.
- Silvia, V, (2008). Resistencia e renovação: a escrita e a comida em Cintia Moscovich. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Minas Gerais, v.2, n.3, 92-98
- Topel, M. (2002) Brazilian ba'alot teshuvah and the paradoxes of their religious conversion. *Judaism*, 51(3)
- Waldman, B (2016). Comida, família e escritura na ficção de Cíntia Moscovich. *IO* (19)